

# **A *Gazeta* e os sistemas de comunicação do Rio de Janeiro do início do século XIX**

Marialva Carlos Barbosa

Doutora em História, Professora Titular da Universidade Federal Fluminense  
e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF  
mcb1@terra.com.br

## **RESUMO**

O artigo procura remontar os sistemas de comunicação existentes na cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX, a partir de um olhar interpretativo sobre o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, considerado aqui como objeto de análise e fonte empírica. A partir da análise da publicação mostramos o circuito da comunicação que as notícias percorriam, passando do mundo oral, para o mundo manuscrito e, finalmente, para o mundo das letras impressas.

**Palavras-chave:** *Gazeta do Rio de Janeiro*, Imprensa, História

## **ABSTRACT**

*The article attempts to reconstruct the communication systems in the city of Rio de Janeiro at the beginning of the 19<sup>th</sup> century, through an interpretative view of the *Gazeta do Rio de Janeiro* newspaper, considered herein as our object of analysis and empirical source. The analysis of this publication shows the communication circuit over which news is transmitted, extending from the oral sphere to the written sphere and, finally, print.*

**Key-words:** *Gazeta do Rio de Janeiro*, Press, History

O objetivo desse artigo, que parte de uma pesquisa mais ampla, é mostrar que a partir da própria materialidade dos impressos pode-se remontar os sistemas de comunicação existentes no passado. Em segundo lugar, esse tipo de interpretação da história da imprensa procura destacar não os eventos ou acontecimentos que possibilitaram a criação de novos jornais ou a ação política desses periódicos. O que queremos com a história dos meios de comunicação que propomos é visualizá-los como sistema de comunicação e tentar descortinar, a partir desse olhar, os processos comunicacionais do passado.

Assim, discussões sobre qual teria sido o primeiro jornal brasileiro (se a *Gazeta* que passou a ser impressa no Rio de Janeiro em setembro de 1808 ou o *Correio Brasiliense* editado em Londres a partir de junho de 1808) ou as razões por que teria se implantado tardivamente a imprensa no Brasil absolutamente não nos interessa. Não estamos na busca de uma história por razões, nem da gênese da imprensa brasileira, ou seja, de uma história por emblemas fundadores.

A história é sempre uma interpretação feita a partir de quem, do presente, olha o passado. A história é sempre uma narrativa, algo que foi narrado no passado e que agora podemos re-narrar. Mas a história, visualizada a partir da centralidade dos processos comunicacionais, deve dar conta desses complexos sistemas de comunicação que referem à maneira como os homens de outrora se relacionavam com as letras impressas e com impressos que todas as semanas traziam as novidades do mundo.

Por outro lado, a aproximação do pesquisador com as fontes desmonta certezas apriorísticas sobre muitos temas da historiografia. Tem sido repetido uma centena de vezes, nas tradicionais descrições da história da imprensa, que a *Gazeta do Rio de Janeiro*, periódico cujo primeiro número saiu das Oficinas da Impressão Régia em 10 de setembro de 1808, era um jornal oficial, dando a impressão que, por ser publicada sob a égide da Impressão Régia, nada mais era do que um opúsculo de poucas folhas que editava exclusivamente fatos e informações do interesse da Coroa Portuguesa<sup>1</sup>.

Essas interpretações constroem, a partir de uma lógica do presente e não do passado, duas filiações ideológicas para o jornalismo brasileiro: de um lado, o jornalismo destemido, que circulava mesmo debaixo de todas as proibições, que tinha por “missão” a crítica, e de outro o jornal submetido ao poder público, que apenas repetia em suas páginas informações o que se mandava publicar. O *Correio Brasiliense*, nessas interpretações, representa a primeira filiação, enquanto a *Gazeta do Rio de Janeiro* a segunda.

Assim, sem olhar o impresso temos a impressão de que a *Gazeta* era fértil na publicação de decretos, avisos, editos e outros textos de interesse do Reino Português. Que nela não se publicavam outras informações. Mas olhando o periódico, saltam de suas páginas múltiplas fontes de informação, formando redes de notícias do início do século XIX, indicando também a forma como essas notícias passavam do mundo oral para o mundo do impresso. Mostra

também que, apesar de ser impressa sob a égide da Coroa Portuguesa, seus conteúdos eram diversificados e procuravam atender as demandas de um público que se formava.

Nos últimos tempos, uma pesquisa aqui outra ali procura dar uma interpretação mais esclarecedora a esse jornalismo dos tempos de outrora. Isso é o que faz, por exemplo, Messagi Jr. (2008) na sua tese de doutorado, exatamente sobre a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Reconhecendo que a importância do periódico na história da imprensa no Brasil tem sido subestimada, o autor se preocupa em mostrar a importância do primeiro jornal impresso no Brasil também a partir da diversidade do que era publicado em suas páginas.

Nesse texto concentraremos nossa análise nas redes de notícias do início do século XIX, que existiam na cidade do Rio de Janeiro, fundamentais para a edição da *Gazeta*, formando o que qualificamos como um complexo sistema de comunicação.

## **Um complexo sistema de comunicação**

Essa rede de informações que possibilitava a inclusão de textos os mais variados na *Gazeta de Rio de Janeiro* era constituída, principalmente, de periódicos europeus que chegavam ao Cais Pharoux a bordo dos navios que aqui aportavam. Mas não era apenas essa a forma como as notícias eram recolhidas. Havia, sobretudo, uma ampla rede de transmissão da informação pelas práticas da oralidade, o que fazia com que boatos, coisas que se diziam, notícias que “andavam” e “corriam léguas” tivessem como destino final as páginas daquele jornal.

Cartas escritas a bordo dos navios, pedaços de jornais que foram recortados por outros leitores e, sobretudo, as informações orais eram fontes privilegiadas para a *Gazeta do Rio de Janeiro*. A sociedade desenvolvia múltiplas formas de se comunicar e a partir daí de buscar e reunir informações. Havia, portanto, um sistema de comunicação na cidade do Rio de Janeiro, nos idos de 1808, que possibilitava a impressão das notícias na *Gazeta*.

Esse sistema começava na então longínqua Europa. De lá, pessoas que embarcavam e aqui aportavam transbordavam, “por se ouvir dizer”, de informações ouvidas a cidade. Pelos navios também chegavam cartas que, de manuscritos, eram transformadas em sínteses impressas a serem publicadas no periódico. Mas os navios traziam, principalmente, as folhas europeias cujas notícias eram recopiladas, sintetizadas e novamente publicadas na cidade do Rio de Janeiro. Os boatos se transformavam em fontes privilegiadas de informação.

O primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*, editado em uma coluna, com textos reagrupados em blocos de informação semelhantes – primeiro aqueles que tiveram origem em Londres no dia 12 de junho; depois os que lá foram publicados em 16 de junho; em seguida os que se originaram no Rio de Janeiro no dia da publicação daquele número; e, por último, informações sobre a venda do próprio periódico e uma nota sob a rubrica Notícia sobre o fato de estar no prelo a Memória Histórica da Invasão dos Franceses a Portugal em 1807 – é pródigo em exemplos que permite remontar esse sistema de comunicação.

Observando o periódico também se reconstrói a lógica das edições das notícias, ou seja, a forma como eram hierarquizadas e a partir de que critério. O tempo aprisionado nas páginas dos jornais segue a lógica decrescente não da produção do acontecimento, mas da publicação das notícias.

Assim, o que importava não eram as informações mais imediatas, mas sobretudo as que se referiam ao tema mais importante do momento: o conflito europeu, a guerra napoleônica. As notícias de um mundo em crise tinham primazia na publicação.

Parece claro, também, que era o mundo dos impressos que dava veracidade às informações que primeiro “corriam léguas” e “andavam de boca em boca”. A transformação do mundo oral em mundo impresso e, mais do que isso, publicizado e divulgado fornecia uma espécie de chave para a inclusão da informação no jornal.

No primeiro número da *Gazeta* foram publicadas primeiramente as notícias que chegaram “por via da França”. Em seguida, as folhas de Hamburgo e de Altona, que já haviam se transformado em impressos vindos por Gotemburgo:

*“Chegaram-nos esta manhã folhas de Hamburgo, de Altona até 17 do corrente. Estas últimas anunciam que os Janizários em Constantinopla se declararam contra a França e a favor da Inglaterra; porém que o tumulto tinha se apaziguado”.*

O texto seguinte indicava as pausas na leitura e a mudança de assunto marcadas graficamente por um travessão, para informar que

*“Hamburgo está tão exaurido pela passagem de tropas que em muitas casas não se acha já uma côdea de pão, nem uma cama. Quase todo o Hannover se acha nesta deplorável situação.”*

Nova marcação de mudança de assunto e outra informação: “5000 homens de tropas francesas, que estão na Itália, tiveram ordem de marchar para Espanha” (*Gazeta*, nº 1, 10 set. 1808, p. 1).

Portanto, dos jornais já lidos e copilados que foram publicados em outras cidades europeias e que chegaram à Gotemburgo, lá se transformando em notícias, tornavam a sintetizar as informações e as republicavam, enfatizando primeiramente aquelas que diziam respeito ao conflito europeu desencadeado pelos franceses e as suas consequências maléficas para o mundo. Era assim que, graças à política expansionista francesa, Hamburgo vivia uma “deplorável situação”. Chama a atenção, na síntese que realizavam, as notícias poderem ser divulgadas em poucas linhas e as indicações gráficas de marcação de mudança de assunto. Essas materialidades indicariam um modo de leitura de um público ainda pouco afeto às letras impressas?

O sistema de comunicação do início do século XIX fazia transbordar primeiramente pelo mundo notícias de múltiplos periódicos, como uma rede de textos, lidos e reidos para serem depois sintetizados em pequenas notas ou em grandes textos, dependendo do espaço

e do interesse que se tinha naquela informação. O caminho começava no lugar de onde a informação provinha. Dali dava voltas em diversos países e oficinas se transformando em impressos que eram embarcados em navios que cruzavam os oceanos. Desses navios seguiam para outros países, onde em outras oficinas impressoras ganhavam novas formas para, finalmente, serem impressos e distribuídos há milhares de quilômetros de distância de onde a notícia tinha se originado. As notícias impressas no início século XIX eram quase sempre de quarta ou de quinta natureza.

Mas não eram apenas os jornais de outros países as fontes privilegiadas de informação. Podia se retirar as notícias de pedaços de cartas que também vinham ou eram escritas a bordo dos navios. No mesmo dia 10 de setembro, a *Gazeta* publica o “Extrato de uma carta escrita a bordo da Statira”, em 16 de junho, que reproduzia uma informação oral transmitida a alguém que a transformou em letras manuscritas e, posteriormente, em impresso, para ser três meses depois retransformada em outro impresso, agora em terras ainda mais distante do lugar de onde se originara. O circuito da comunicação, que terminou com a publicação da informação pela *Gazeta* e, sobretudo, pela interpretação que dela fez os leitores, começara com uma informação oral de um oficial espanhol. Não importava o nome, apenas a informação que transmitira.

Essa informação se transforma em manuscrito: uma carta escrita a bordo de um navio. E em seguida se transmuta em notícia num jornal londrino. Como essa carta foi parar nas mãos do redator? Não sabemos e não saberemos. O tempo apagou essa informação. Mas, a carta, ou pelo menos a informação que dela extraiu o redator da *Gazeta*, chegou até nós sob a forma de letras impressas. O mundo oral está inscrito na maioria das informações impressas do século XIX.

*“Londres a 16 de junho. Extrato de uma carta escrita a bordo da Statira. Segundo o que nos disse o oficial espanhol, que levamos a Lorde Gambier, o povo espanhol faz todo o possível para sacudir o jugo francês. As províncias de Asturias, Leão e outras adjacentes armaram 8 mil homens, em cujo número se compreendem vários mil de tropa regular tanto de pé, como de cavalo”* (*Gazeta*, nº 1, 10 set. 1808, p. 1).

A rede de informações que permitia a proliferação das notícias na *Gazeta do Rio de Janeiro* percorria um circuito que, a maioria das vezes, começava no interior dos navios que aportavam no Cais Pharoux. Fossem as cartas que lá se escreviam, ou os periódicos que transportavam, ou ainda os fatos contados pelos que lá estavam. Uma fragata inglesa que entrara “neste Porto a 19 do passado”, podia trazer “as importantes notícias que se seguem” (*Idem*, p. 4).

As conversas ao pé do ouvido e as informações passadas de uns para outros eram também fontes privilegiadas. Pessoas vindas de províncias distantes ou de países longíquos faziam “correr notícias” ou “correr vozes” de tal forma que davam a senha para a transformação do mundo oral em letras impressas publicizadas.

*“Correu aqui notícia vinda por pedestres de Goiás; que os franceses haviam feito um desembarque no Pará com aparências de amizade, o Capitão General os rechacara completamente, ficando vivos só os prisioneiros: porém isso merece confirmação”.* (Gazeta, nº 1, 10 set. 1808, p. 4. Grifos nossos).

Como os “pedestres de Goiás” fizeram as notícias chegarem aos ouvidos do redator da *Gazeta*? Certamente por um circuito de comunicação que inclui formas de sociabilidade e que indicam a transmissão de uma informação a outro e a outros, numa rede infinita de transmissão oral. Quanto tempo levou essa notícia para vir na boca de pessoas que saíram a pé de Goiás e aportaram na Corte? Notícias que mesmo que ainda merecessem confirmação, mereceram a publicação. A lógica da produção noticiosa do início do século XIX, ainda longe da ideia de veracidade e fidedignidade, era a possibilidade de coletar as informações de múltiplas fontes. A multiplicidade de vozes do mundo oral se esparramava pelos impressos. As notícias corriam ou corriam as vozes que se transformavam em notícias.

*“Igualmente correu voz que um corsário francês desembarcaria as 20 horas na Costa do Pará ou Maranhão para procurar a força mantimentos e que toda essa gente fora morta ou feita prisioneira; tendo feito-se a vela o Corsário desembaraçado do porto em que tocaria, pois Cayena se diz bloqueada por duas Fragatas inglesas”* (Idem, p. 4. Grifos nossos).

O uso repetido do verbo correr indica uma predisposição para os fatos que passavam a ser de conhecimento de muitos. Quando alguma coisa estava na “boca de muitos”, “correndo vozes”, o impresso deveria ampliar essa corrida da informação. Assim, transformar as redes de informação oral, que já estavam nos ouvidos de muitos, em notícia era também cumprir com esse papel.

As notícias de um mundo distante tinham prevalência no noticiário. Na edição, primeiro eram publicadas aquelas que tiveram origem no continente europeu. Não importava a forma como chegara ao conhecimento do redator da *Gazeta*: se pelos jornais de longínquos países, se pelas cartas também escritas em outros lugares, se pelas informações orais. Depois, eram editadas as notícias mais próximas do ponto de vista espacial. Aquilo que ocorrera na cidade tinha menor importância. Não seria porque essas informações já haviam corrido por tantos ouvidos que já não eram mais nenhuma novidade?

Mas, os boatos, as redes de informação oral, tinham mais importância no fornecimento de novas informações do que as próprias letras impressas, já carregadas do sentido de fidedignidade por terem sido publicadas, como veremos a seguir. No burburinho continuado de vozes da cidade, dos gritos e sussurros das ruelas e praças, o que se ouvia dizer, as informações que “corriam léguas” e já “andavam de boca em boca” migravam para as páginas impressas. À medida que produziam informações que já eram do interesse de muitos, já que “corriam de boca em boca”, os boatos recebiam a certificação para a publicação.

*“Rio de Janeiro. Como **anda de boca em boca e se acredita firmemente** a declaração da guerra de Rússia contra a França, de mãos dadas com a Prussia, em socorro de Áustria, e também se fala de uma batalha de 11 e 12 de setembro entre os franceses e austríacos em que estes ficaram vencedores, tudo extraído, dizem, das folhas inglezas; nós, se bem não garantimos a verdade destas notícias, pois que não as achamos confirmadas, nem mesmo anunciadas em muitas folhas inglezas daquela data, que temos debaixo dos olhos; contudo nesse número transcrevemos palavra por palavra o folheto impresso, que veio de Lisboa, e que deu causa a a esta persuasão, fazendo os mais ardentes votos para que ele se verifique em toda a sua plenitude e ainda muito mais”.*

(Gazeta, nº 136, 30 dez. 1809. Grifos nossos).

A notícia anterior fornece muitas informações não só sobre a forma como as notícias eram construídas – isto é, pela prevalência de duas ordens de informação, as que “andavam de boca em boca” e as que se confirmavam a partir da sua transformação em letras impressas. Assim, o simples “anúncio em muitas folhas inglezas” dava a autenticidade da confirmação, bem como o folheto impresso em Lisboa, razão pela qual transcreviam “palavra por palavra” aquilo que sob a forma de impresso possibilitava a entrada da informação no reino da veracidade. Por outro lado, também está expresso na notícia o cotidiano do redator daquelas publicações.

Lendo em profusão - “muitas folhas” estavam “debaixo de seus olhos” - tinha, evidentemente, particular interesse naquelas que eram do mundo aliado. A opção política dos periódicos era determinante na confirmação da veracidade da informação. Mas mesmo se não encontrasse a informação, o mundo da impressão fornecia uma espécie de senha para a entrada no mundo noticioso. É por essa razão que, mesmo sem achar confirmação da notícia nas folhas inglezas, a *Gazeta* transcreveria “palavra por palavra” o folheto impresso que veio de Lisboa.

Imaginamos esse mundo do início do século XIX como um lugar onde a informação e a novidade não tivesse nenhuma importância. Fazemos isso, ao lançar nossos valores a este mundo desconhecido e estranho. Mas observando os ecos que o passado deixou no presente, pode-se remontar a densa rede de comunicação que existia na cidade do Rio de Janeiro. Havia tantos modos de comunicação que remontar essa trama é semelhante a refazer um verdadeiro quebra-cabeça. Remontando-o, montamos o circuito de comunicação daquele longíquo 1808.

Esse circuito começa na produção da notícia, que, como vimos, se inicia na transformação do fato em algo digno de ser publicizado. Alguém falou, alguém escreveu, alguém publicou. Aqui o redator da publicação escutaria, leria, sintetizaria, escreveria e reimprimiria. Havia, portanto, um múltiplo jogo interpretativo em todas as notícias publicadas. Havia também uma seleção e uma hierarquização: habitualmente primeiro as notícias de terras distantes, depois as informações do Rio de Janeiro. Havia o mundo e a cidade que eram ofertados à apropriação crítica do público.

E desde o primeiro número a *Gazeta* se dirige a este leitor hoje anônimo: o público. Para ele informam com destaque que “a *Gazeta do Rio de Janeiro* deve sair todos os sábados pela manhã”. Informam também onde se vende, quanto custa, como se faz para ser assinante, que esses assinantes a receberão em suas casas o jornal e que o jornal publicará anúncios.

*“Faz-se saber ao público: que a Gazeta do Rio de Janeiro deve sair todos os sábados pela manhã: que se vende nesta Corte em Paulo Martin, Filho, Mercador de Livros no fim da Rua da Quitanda ao preço de 80 réis: Que as pessoas que quizerem ser assinantes deverão dar os seus nomes e moradas na sobredita casa, pagando logo os seis meses a 1:900 réis; e lhes serão remetidas as folhas as suas casas no sábado pela manhã: que na mesma Gazeta se porão quaisquer anúncios, que se queiram fazer; devendo estar na quarta feira no fim da tarde na Impressão Régia”* (Idem, p. 4).

Os assinantes, assim, ao preço de um mil e novecentos réis poderiam receber na comodidade de suas casas o jornal todo o sábado pela manhã. Podiam também inserir no periódico anúncios, devendo encaminhá-los até quarta-feira no final da tarde. Essa simples informação mostra a demora nos processos de impressão, se comparado com as décadas seguintes. Era preciso pelo menos dois dias para o término da impressão da folha. Como o espaço para os anúncios ocupava sempre a última folha, sob a rubrica Avisos ou Anúncios, pode-se supor que começavam a produzi-la na segunda, deixando espaços em branco para os eventuais acréscimos. Ainda assim, se os anúncios chegassem depois do final do dia de quarta-feira ficariam para o próximo número.

A deficiência nos sistemas de transporte e a indicação de que os assinantes receberiam em casa o periódico fazem supor também que a maioria dos assinantes se concentrava no centro administrativo da Colônia. E os anúncios publicados nos números seguintes materializam os lugares onde habitavam os leitores: Rua dos Passos, Santa Rita, por detrás do Império da Lapa, Rua das Marrecas, Rua Direita, Rua da Quitanda e adjacências.

Os anunciantes são antes de tudo leitores, como também o era o redator de a *Gazeta* que lia em profusão as notícias publicadas pelos jornais europeus. Inicialmente proliferam os anúncios de venda de casas. Depois os de leilões, os do comércio em geral, mostrando claramente o crescimento da cidade. Quase ao mesmo tempo se multiplicam os anúncios dando conta da existência do cruel sistema de exploração escravista.

“Quem quiser comprar uma morada de casas de sobrado com frente para Santa Rita fale com Anna Joaquina da Silva, que mora nas mesmas casas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita que tem ordem para as vender” (Idem, n. 2, 17 set. 1808, p. 4).

Podemos supor que Anna Joaquina da Silva, que morava naquelas casas, não soubesse ler e que o Capitão Francisco Pereira de Mesquita, leitor de a *Gazeta*, foi quem mandara incluir o anúncio no periódico. Mesmo sem ler ou escrever, Anna Joaquina era leitora por ouvir dizer. O Capitão certamente a informara sobre a venda das casas e que pessoas iriam

até lá para ver as moradas. Imagens e imaginação sobre um tempo que só pode ser recuperado como re-interpretação.

Outras moradas de casas são anunciadas nos números seguintes, bem como há a preocupação de avisar ao público a edição das chamadas Gazetas Extraordinárias, a primeira datada de 14 de setembro. “Avisa-se o público que segunda feira próxima haverá Gazeta extraordinária”, informam novamente em 3 de dezembro de 1808.

A partir do número dois, de 17 de setembro de 1808, a *Gazeta* passa a ser bissemanal, saindo também às quartas-feira, razão pela qual os assinantes deverão “assistir com o dobro da primeira assinatura”. E sempre que houvesse uma razão para publicar maior número de folhas uma edição extraordinária saia dos prelos da Impressão Régia. Só em 1808 publicaram 19 números extraordinários. Havia muita informação que “corria de boca em boca” e “a passos largos”. Não apenas as notas oficiais, mas também notícias sobre um mundo distante que se fazia mais próximo. No número 24, de 3 de dezembro de 1808, informam que as notícias de Londres se originaram de uma “carta de Amsterdã datada de 28 do passado”. Mas as informações também faziam o caminho inverso.

*“Londres. 11 de agosto. Pelos navios ultimamente chegados do Brasil recebemos um manifesto publicado por ordem de Sua Alteza Real o Príncipe Regente motivado pelas circunstâncias que fizeram transferir o assento do Governo para a América”* (*Gazeta*, nº 24, 3 dez. 1808, p. 1).

No decorrer de 1808 e ao longo de 1809 a diversidade dos anúncios indica o poder crescente de difusão do periódico. Ao lado dos tradicionais avisos de vendas de inúmeras mercadorias, de arrendamentos e de leilões, outros leitores diretos ou indiretos informavam a perda de objetos materiais ou humano tratados como mercadoria. Uma espingarda faltou a Bento José de Carvalho, o que o motivou o “morador ao pé do Trapiche da Cidade” (*Idem*, nº 32, 31 dez. 1808) a incluir no período o anúncio, mas podiam faltar também os escravos que fugiam cotidianamente. A todos se prometiam recompensas ou “alviçaras”.

*“Em 20 de agosto do ano próximo fugiu um escravo preto, por nome Matheus, com os seguintes sinais: rosto grande e redondo, com dois talhos, um por cima da sobrancelha esquerda e outro nas costas, olhos pequenos, estatura ordinária, mãos grandes, dedos grossos e curtos, pés grandes e o corpo grosso. Na Loja da Fazenda de Antonio José Mendes Salgado de Azevedo Guimarães na Rua da Quitanda, nº 61 receberá quem o entregar, além das despesas que tiver feito 12\$800 réis de alviçaras”*.

Descritos sempre por suas características físicas, nas quais se sobressaem as referências às marcas fincadas no corpo (talhos pelo rosto e pelas costas como lembranças fixas dos maus tratos impostos), os escravos eram para aqueles leitores/anunciantes objetos de grande valor. Por Matheus, caracterizado pelas partes do corpo que existiam como tais em função do seu trabalho braçal – mãos grandes, dedos grossos e curtos, pés grandes e o

corpo grosso – Antonio José Mendes, comerciante e cuja loja da fazenda ficava na Rua da Quitanda no centro da cidade e próxima ao Cais Pharoux, pagava 12\$800 réis, ou seja, quase sete vezes mais do que custava inicialmente a assinatura do periódico por um período de seis meses.

Certamente é quase impossível recuperar a forma como esses leitores liam essas notícias e que motivações os levavam a publicar tais anúncios. Esperavam, é certo, a partir dessa publicização ver recuperadas suas perdas. Antonio José Mendes quis dar publicidade à fuga do escravo e acreditava que algum outro leitor de a *Gazeta* tivesse visto Matheus e o trouxesse de volta. A leitura é sempre uma atividade que pressupõe dar sentido aos signos encaixando-os em estruturas.

Bento José e Antonio Mendes esperavam que a leitura de um outrem fosse positiva para eles: que descortinassem suas perdas para um mundo mais amplo. As interpretações do público, certamente, estavam envelopadas pelo sentido oral das palavras. Um mundo de ouvir dizer, de notícias que corriam, de informações que proliferavam pelas práticas da oralidade e se transmutavam em letras impressas com o mesmo sentido. Era assim que Bento e Antonio acreditavam que as letras impressas corressem léguas de ouvido em ouvido para trazer de volta o escravo que fugira ou a espingarda que sumira.

Como Robert Darnton (2005, p. 82) afirma, talvez não faça sentido separar a forma impressa dos modos de comunicação oral e manuscrito nesse mundo do início da impressão. Esse público, seja o assinante habitual da *Gazeta*, seja o que tomava conhecimento das notícias que ali se publicavam também por ouvir dizer, estava entrelaçado num sistema de múltiplos meios nos quais o mundo oral, o mundo dos manuscritos e dos impressos eram intercambiáveis. O que importava era a disseminação das mensagens, não interessando muito a forma como alcançava o público. Havia retroalimentação e convergência e não fluxo unidirecional e causalidade linear.

Ainda que pudéssemos pensar que essas notícias que deram início à impressão no Rio de Janeiro atingissem um público extremamente restrito, quando refletimos sobre as formas de vida e as sociabilidades existentes na cidade devemos pensar numa mistura de públicos que se cruzavam e andavam lado a lado por toda a parte. Devemos seguir o conselho de Darnton (*Idem*, p. 83) que enfatiza ser necessário, ao estudar a comunicação, procurar por misturas tanto de ambientes como de meios.

Um ano depois do início de sua publicação pouca coisa mudou na feição gráfica do jornal e também nas redes informacionais que permitiam a proliferação das notícias. As informações continuavam chegando pelas gazetas e cartas oriundas da Saxônia, da Inglaterra, da França, da Espanha, da Áustria e delas o redator retirava extratos. Pedaços de textos que ganhavam novas materialidades e significações. As notícias continuavam sendo originárias também de escritos os mais diversos: “das banholas escrevem ....”. E mais adiante informavam: “agora consta que os franceses deixaram o posto de Vitória”. Ou ainda: “outra

notícia que corre é ....” A imprecisão não tirava o valor da informação. Num mundo onde não se separava o oral do escrito e que era governado pela mistura, as formas da comunicação oral se transferiam para o mundo do impresso e eram apreendidas com a mesma clareza. “Os ingleses que se acham em Madrid receberam notícia” ou “Uma carta de um oficial do Regimento do Príncipe que se acha na Galícia diz que José Napoleão se dirigiu para Pamplona e que os seus oficiais estão cheios de medo”. As cartas eram fontes privilegiadas para fazer as informações circularem, não importava quem tivesse escrito, bastava informar, por exemplo, “por uma carta escrita por pessoa do maior crédito”.

No número 40, de 28 de janeiro de 1809 informavam que no dia 10 de março terminaria o prazo para subscritar a assinatura do jornal pelos primeiros seis meses. Aqueles que quisessem assiná-la deveriam dirigir-se não mais à Impressão Régia, mas a Loja da Gazeta, “onde farão saber os seus nomes e moradas e darão logo 9\$000, preço muito módico, por isso que deverão ter nesta nova assinatura todas as Gazetas assim Ordinárias como Extraordinárias”. E acrescentavam: “As pessoas que quizerem fazer anúncios na Gazeta dirigir-se-ão daqui em diante à Loja da Gazeta, onde se lhes tomará a devida nota, como se praticava na Impressão Régia”.

A mudança de endereço parece indicar a expansão do periódico, bem como o expressivo aumento do preço da assinatura. Será que público já esperava pelas Gazetas Ordinárias e pelas Extraordinárias?

Até 1815 algumas alterações são visíveis nas páginas do jornal. Agora traduzem notícias inteiras extraídas dos periódicos europeus e já produzem sínteses no início das notícias, como que fornecendo um guia de leitura. “Para formar uma ideia adequada da desgraçada condição dos espanhóis que gemem debaixo do acoite da brutalidade francesa, lancem os nossos leitores os olhos ao seguinte artigo de uma folha de Londres de 14 de novembro e que vem na Gazeta de Lisboa nº 159” (*Gazeta*, nº 18, 3 mar. 1810). Em 1810 passam a publicar as Notícias Marítimas, isto é, as informações do movimento de entrada e saída dos navios do porto.

Do ponto de vista gráfico, a principal mudança do jornal se dá em 1811. Passa a ser impresso em duas colunas, tornando-se mais largo, para poder incluir maior número de palavras. E com o término do conflito com a França precisam inundar as páginas de notícias com outro teor e que fossem de interesse do público. A rapidez do denserrolar da guerra europeia que obrigava a inclusão de notícias de última hora e que levava a proliferação das Gazetas Extraordinárias tinha ficado para trás.

*“Lisboa, 19 de julho. Não queremos demorar ao público a notícia da conclusão da campanha pela capitulação de Paris, que nos trouxe hoje a Gazeta de Madrid de 15 do corrente; e que se publica do modo seguinte”* (*Gazeta*, n.º 75, 20 de setembro de 1815).

Sem os conflitos bélicos passam a mesclar as informações transcritas dos jornais da Corte com outras que falam da penúria dos deserdados ou das mortes violentas dos perdedores. Essas eram prodigas nas minúcias que materializavam emoções.

*“Corunha. 12 de outubro. Depois da prisão do General Portier, em Santiago, onde foi metido na cadeia da Inquisição, foi trazido para aqui a 26 de setembro com alguns oficiais do seu partido e enforcado no Campo de la Honra. O defunto General Portier deixou ordem no seu testamento que o seu corpo fosse metido em um caixio, fechado com uma cheva e esta fosse entregue a sua mulher, com um lenço molhado com as suas últimas lágrimas, e que quando as circunstâncias o permitissem fosse posto um pantheon com a inscrição seguinte: aqui descansa as cinzas de D. Juan Dias Portier, General dos exércitos espanhóis e que foi feliz em tudo quanto empreendeu contra os inimigos de sua pátria e morreu vítima das dissensões civis. Almas sensíveis! Respeitai as cinzas de um infeliz” (Gazeta, nº 9, 31 jan. 1816).*

Poderíamos afirmar que este tipo de notícia antecipava as técnicas que seriam desenvolvidas um século mais tarde pelo jornalismo de sensações? As batalhas eram reduzidas às mortes violentas. Mas não bastava informar que o General seria enforcado. Era preciso particularizar a informação com dados que despertassem emoção. Depois de morto no seu testamento, dava conta a notícia, estava expresso que o seu corpo seria fechado a chave num caixio e o lenço molhado com suas últimas lágrimas seria entregue como lembrança do seu sofrimento e de sua dor a sua mulher. Para terminar reproduzem o dístico que deveria ser colocado na tumba do morto. “Almas sensíveis! Respeitai as cinzas de um infeliz”. Após essa descrição pormenorizada, o jornal publica ainda a íntegra da carta do general à mulher.

Os anúncios de venda e outros proliferam. Publicam avisos sobre a venda de “uma boa casa com bastantes cômodos”, um “sítio na Ilha de Paquetá, com porto de mar, lagoa, várias plantas e terras próprias”, um leilão de livros em várias línguas entre outros objetos; a venda de uma loja de varejo na rua da Quitanda e de “rapé de superior qualidade” que estava sendo comercializado na rua das Violas. Davam conta também do aparecimento de “uma negrinha, que não sabe quem é seu senhor” numa chácara de Larangeiras.

A diversidade e o teor dos anúncios, agora sob a rubrica Avisos, fazem supor a ampliação do público, bem como a notícia de que alguns exemplares, em função da vendagem, tiveram que ser reimpressos. Agora os aluguéis de cavalos “por preço mais cômodo”, de pólvora, de rapé e de outros gêneros mais populares figuraram ao lado dos anúncios destinados aos abastados do Reino.

Os assinantes passam a ter direito além das Gazetas Ordinárias e as Extraordinárias, chamadas de Dobradas, a Lista de Despachos, além de um exemplar de “qualquer obra que se haja de distribuir gratuitamente”. O mundo dos impressos se alargava paulatinamente (*Idem*, nº 104, 30 dez 1815).

As notícias continuam vindo de terras distantes. Zurique, São Petesburgo, Paris, Copenhagen, Berlin, Viena, Nápoles e Bruxelas entre dezenas de outras cidades europeias. Não há mais referência expressa às gazetas de onde retiram as notícias. Com isso dão a impressão de onipresença em todos os lugares.

Mas, a mudança mais significativa na materialidade de a *Gazeta* ocorre em janeiro de 1822: mudam o título para *Gazeta do Rio* e passam a editar o número e data do periódico numa única linha por extenso antes do nome do periódico. Outros ornamentos fazem parte do mesmo número: fios e flores ladeando o brasão dos Bragança impresso como símbolo do jornal. Nesse último ano de circulação quase todas as notícias são retiradas do *Diário do Governo*. As Ordens do Dia da Corte também proliferam ao lado das Sessões e Artigos Políticos retirados daquele diário. Por último, fechando o jornal as Notícias Marítimas e os Avisos. Em 14 de dezembro de 1822, no suplemento ao número 150 noticiam ao público a substituição do periódico pelo *Diário do Governo*<sup>2</sup>. Estava dada a senha para o a edição do último número do primeiro jornal impresso editado no Brasil.

*“Tendo S.M.I sido servido permitir que em lugar da atual Gazeta se publique um Diário do Governo, anuncia-se que isso se executará em princípio de janeiro próximo por diante e com a imediata Gazeta se publicará o prospecto do mencionado Diário”* (*Gazeta. Suplemento do nº 150, 14 dez. 1822*).

## Considerações finais

Procuramos mostrar que a partir de restos e rastros encontrados muitas vezes nos próprios periódicos, podemos remontar as práticas comunicacionais de outrora, percebendo a história dos meios de comunicação, não como o simples arrolar de periódicos que aparecem e desaparecem ou de personagens singulares que, pelos mais variados motivos, fazem emergir essas publicações. Uma história dos meios de comunicação, como sistema, deve tentar visualizar os processos comunicacionais.

É importante descortinar nessa análise, não apenas o conteúdo das publicações, mas o significado por detrás desses conteúdos. Conteúdos que podem revelar as práticas sociais existentes nessa sociedade, mas também as práticas profissionais de uma imprensa que, paulatinamente, passa a fazer parte do cotidiano de uma parcela da população.

Com uma circulação ainda restrita, a *Gazeta do Rio de Janeiro* passa a incluir, nos anos que se seguem ao primeiro número, outros conteúdos na certeza da ampliação de seu auditório. Ao lado, das informações que eram transformadas em letras impressas depois de “andar de boca em boca” e “correr léguas”, editam as notícias que passam a interessar ao comércio (movimento dos portos), aos proprietários da Colônia (fuga de escravos, venda de produtos os mais variados, entre uma gama considerável de pequenos anúncios) e aos que querem informação de um mundo distante. Essas últimas, entretanto, devem vir revestidas de uma narrativa que, desde aqueles tempos, apelam às sensações do público. As descrições pormenorizadas das batalhas sangrentas, das agruras dos perdedores, dos sacrifícios dos vencidos produzem, nas narrativas, uma mistura entre real e ficcional, entre um universo de fatos e de sonho.

Até 1820, *Gazeta do Rio de Janeiro* será o único jornal (ao lado da *Idade d'Ouro do Brasil*, publicado na Bahia) a ter oficialmente licença para impressão. Com o abrandamento da censura, no ano seguinte, proliferam, não só, na cidade do Rio de Janeiro, mas em todas as províncias inúmeras publicações. Mas essa já é uma outra história.

## Notas

<sup>1</sup> Desde a obra pioneira de Nelson Werneck de Castro (1996), os pesquisadores não cessam de repetir esse caráter oficial da *Gazeta*.

<sup>2</sup> A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi publicada, sem interrupção durante 14 anos, de 10 de setembro de 1808 a 31 de dezembro de 1822. Inicialmente seria publicada apenas aos sábados, mas já no segundo número passa a sair também as quartas-feiras, além de publicar repetidamente as suas edições extras,

denominadas *Gazetas Extraordinárias*. A partir de julho de 1821, passa a sair regularmente as terças, quintas e sábados. Ao todo a coleção do jornal reúne 1571 edições regulares e 192 edições extraordinárias. Todos esses números encontram-se disponíveis on-line no site da Biblioteca Nacional ([www.bn.br](http://www.bn.br)) Para maiores informações sobre o periódico cf. MESSAGI JR (2008).

## Bibliografia

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa. 1808-1908*. Rio de Janeiro: Mauad X (no prelo).
- DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MESSAGI JR. Mário. *O texto jornalístico no centro de uma revisão da história da imprensa no Brasil*. (2008, 280 p). Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. São Leopoldo: 5 de janeiro de 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck Sodré . *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

## Fontes Primárias

*Gazeta do Rio de Janeiro* – 10 de setembro de 1808 a 31 de dezembro de 1822.